

TH. W. ADORNO

MINIMA
MORALIA

Título original: *Minima moralia.*
Reflexionen aus dem beschädigten Leben

© 1951 by Suhrkamp Verlag

Tradução: Artur Morão

Capa de Edições 70

Depósito Legal n.º 166799/01

ISBN 972-44-1071-4

Direitos reservados para língua portuguesa
por Edições 70 - Lisboa - Portugal

EDIÇÕES 70, LDA.
Rua Luciano Cordeiro, 123 - 2.º Esq.º - 1069-157 LISBOA / Portugal
Telef.: 213 190 240
Fax: 213 190 249
E-mail: edi.70@mail.telepac.pt

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à Lei dos Direitos do Autor será passível de
procedimento judicial.



Para uma moral do pensamento. – O ingénuo e o não ingénuo são conceitos tão infinitamente entrelaçados que de nada serve confrontá-los entre si. A defesa do ingénuo, tal como é feita por todo o tipo de irracionais e devoradores de intelectuais, é indigna. A reflexão que toma partido pela ingenuidade concorda com o seguinte: a astúcia e o obscurantismo são sempre a mesma coisa. Afirmar a imediatidade de forma mediata, em vez de a conceber como em si mediada, inverte o pensamento em apologia da sua própria antítese, em mentira imediata. Esta presta-se a todo o mal, desde a renitência privada de “as coisas são assim” até à justificação da injustiça social como natureza. Se, apesar de tudo, se quisesse elevar o oposto a princípio e chamar à filosofia – como eu próprio fiz uma vez – a obrigação categórica à não ingenuidade, dificilmente se ganharia alguma coisa. A não ingenuidade, no sentido de ser versado, de estar escarmentado ou de ser matreiro, é um duvidoso meio de conhecimento que, pela afinidade com as ordens práticas da vida, pela cabal reserva mental frente à teoria, está predisposto a rejeitar, na ingenuidade, todo o apego a fins. Também uma nuvem paira onde a não ingenuidade se concebe no sentido teoreticamente responsável do que vai mais além, do que não se detém no fenómeno isolado, do que pensa a totalidade. É justamente aquele prosseguir e já não poder deter-se, aquele tácito reconhecimento do primado do geral frente ao particular, em que consiste não só o engano do idealismo, que hipostasia os conceitos, mas também a sua inumanidade que, uma vez apreendido o particular, o rebaixa a lugar de passagem e, finalmente, se resigna com demasiada rapidez, com dor e morte, a uma reconciliação que só existe na reflexão – em última análise, a frieza burguesa, que com excessiva complacência subscreve o inevitável. O conhecimento só consegue estender-se até onde de tal modo se aferra ao indivíduo que, por causa da insistência, se quebra o seu isolamento. Também isso supõe uma relação com o geral, não uma relação de subsunção, mas quase a sua contrária. A mediação dialéctica não é o recurso a algo mais abstracto, mas o processo de dissolução do concreto em si mesmo.

Nietzsche, que muitas vezes pensava dentro de horizontes demasiado vastos, sabia-o muito bem: “Quem tenta mediar entre dois pensadores audazes – diz na *Gaia Ciência* – revela-se como medíocre: não tem olho para ver o único; o andar à busca de semelhanças e afinidades é característico dos olhos fracos.” A moral do pensamento consiste num procedimento nem teimoso nem soberano, nem cego nem vazio, nem atomístico nem consequente. A duplicidade de método, que acarretou à *Fenomenologia* de Hegel a fama de obra de abissal dificuldade entre as pessoas sensatas, isto é, a exigência de ao mesmo tempo deixar falar os fenómenos como tais – o “puro contemplar” – e, em cada instante, ter presente a sua relação à consciência como sujeito, à reflexão, expressa essa moral do modo mais preciso e em toda a profundidade da contradição. Mas quão mais difícil se tornou querer segui-la, pois já não é possível pretender a identidade de sujeito e objecto, essa identidade graças a cuja aceitação final Hegel deu guarida às exigências antagónicas do contemplar e do construir. O que hoje se exige ao pensador é apenas que esteja em cada instante nas coisas e fora das coisas – o gesto de Münchhausen puxando pelos cabelos para sair do poço converte-se no esquema de todo o conhecimento que quer ser mais do que comprovação ou projecto. E, em seguida, ainda vêm os filósofos assalariados que nos censuram a falta de um ponto de vista sólido.